

**Reflexões sobre práticas midiáticas na integração  
e construção de memórias de refugiados  
no contexto amazônico**

---

*Daiani Ludmila Barth*\*

**E**sse texto aborda delineamentos acerca de práticas midiáticas que retratam o drama do movimento humano forçado, alicerçada por meio da reflexão metodológica em torno da construção de um espaço psicofísico (Russi & Dutra, 2014), por meio da mediação das imagens/exposição midiática. Conjugam-se uma perspectiva analítica que atende a temática de integração local de refugiados e solicitantes de refúgio no Brasil. Recentemente, o destaque manteve-se nos pedidos de venezuelanos<sup>1</sup>, que passam ou estabelecem-se na região amazônica (ONU, 2018). Nessa perspectiva, visa apoiar-se na difusão de políticas públicas brasileiras, uma vez que a integração de pessoas em situação de refúgio consta na publicação *Objetivos para o Desenvolvimento Social*, desde a Agenda 2030, relacionada às metas para o Brasil (Ipea, 2018). Propõe, nesse sentido, o mapeamento de práticas de jornalismo cidadão (Espiritusanto & Rodríguez, 2011) que retratam esse movimento e luta pela sobrevivência na formação de memórias sobre uma migração forçada.

---

\* Periodista y doctora en Comunicación y Sociedad. Profesora en el curso de Ciencias de la Información, campus Porto Velho (RO), Fundación Universidad Federal de Rondônia (Unir), Brasil. Tiene experiencia en el área de la Comunicación, con énfasis en la metodología de investigación, trabajando también en los siguientes temas: Cibercultura, Ciudadanía y Migración Transnacional.

<sup>1</sup> A ONU aborda o assunto, em publicação recente intitulada “Brasil recebeu mais de 61 mil pedidos de refúgio de venezuelanos em 2018”, disponível em <https://nacoesunidas.org/brasil-recebeu-mais-de-61-mil-pedidos-de-refugio-de-venezuelanos-em-2018/> Acesso em: 18 nov. 19.

Com a aceleração da disponibilidade de informações e interações em escala mundial, os choques culturais que ocorrem, frequentemente, forçam transformações nas ações cotidianas. Na situação humana de refúgio, aflora a necessidade de discussão acerca do social, do bem comum, ao possibilitar acionar sentimentos nobres, mediados pelas imagens do movimento humano forçado. No que se refere à prática do jornalismo, o prêmio Pulitzer ilustra a emergência do tema. As equipes de fotojornalistas do New York Times e da agência Thomson Reuters, retratam o drama de refugiados no continente europeu, durante o ano de 2015, cujas imagens repercutem mundialmente e culminam na maior premiação de reconhecimento em jornalismo no ano seguinte, na categoria Fotografia noticiosa [*breaking news photography*]<sup>2</sup>. Ademais, a questão do refúgio está presente desde a Agenda 2030 relacionada às metas para o Brasil onde propõe-se “facilitar a migração e promover a integração de migrantes e refugiados à sociedade brasileira” (Ipea, 2018, p. 259). Associa-se ao objetivo de redução da desigualdade dentro dos países e entre eles, na busca por tornar as cidades e assentamentos mais inclusivos e sustentáveis (Ipea, 2018, p. 278).

A situação de refúgio, inicialmente proposta pela Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados, em 1951, refere-se às pessoas que se encontram fora de seu país, em razão de temor de perseguição por motivos de etnia, religião, nacionalidade, ou ainda opinião política em grupos sociais organizados e que, em razão disso, estão impossibilitados de retornarem. Essa definição ampliou-se, posteriormente, para casos de pessoas obrigadas a saírem de seus países em razão de conflitos armados e violação massiva dos direitos humanos. Na contemporaneidade, também perpassa entendimentos daqueles forçados a deixarem suas casas tendo em vista alterações climáticas, sendo esta uma modalidade de refúgio ainda não legalizada internacionalmente, porém já reconhecida pela ONU.<sup>3</sup>

Importa recordar que a divisão entre países é instituída em um contexto de fronteiras advindo de situações de guerra, principalmente entre os séculos XIX e XX (Sassen, 2016). Este, determina a ascensão do Estado moderno de inspiração hegeliana que, de fato, através de instrumentos legais vigentes em seu território de abrangência, determina ações previamente entendidas em um

---

<sup>2</sup> A série de fotografias premiadas no Pulitzer 2016 está disponível em: <http://www.pulitzer.org/winners/mauricio-lima-sergey-ponomarev-tyler-hicks-and-daniel-etter>

<sup>3</sup> Em recente documento da ONU que trata da regulação de migração, há uma seção que trata especialmente da iminência dos refugiados climáticos. Disponível em: [https://refugeesmigrants.un.org/sites/default/files/180711\\_final\\_draft\\_0.pdf](https://refugeesmigrants.un.org/sites/default/files/180711_final_draft_0.pdf)

sentido coletivo. O mapa mundial recebe traçado de linhas imaginárias, o que origina simbolismos em torno de locais que constituem modos de compreensão da realidade. Esse sentimento é continuamente compartilhado, negociado e reproduzido pelos que nasceram naquele espaço físico ou conquistaram a cidadania e também pelos que transitam por aquele local. Portanto, figuram lugares entendidos como “uma comunidade política imaginada – e imaginada implicitamente limitada e soberana” (Anderson, 1989, p. 14).

Ao recorrer a autores como Touraine (1999), há que se considerar o declínio das instituições sociais em vigência, entre elas a maneira de compreensão acerca do Estado moderno, o que tem se acentuado nos últimos 15 anos (Sassen, 2016). A forma de entender o mundo como um todo, no respeito à diversidade dos povos e da realidade de movimento de pessoas para além das mercadorias, imagens, serviços; poderia abrir caminhos à cidadania cosmopolita, tal como defendida por Cortina (2005). Entretanto, esse mesmo Estado tem procurado demonstrar sua capacidade de domínio de fronteiras através da construção de muros, a fim de impedir a passagem de corpos humanos, ao mesmo tempo que se permite a abertura a empresas privadas e à especulação financeira.<sup>4</sup> Nessa dinâmica fronteira, permite-se a criação de áreas de concentração de interesses aquém dos limites dos mapas estabelecidos, tanto físicos quanto digitais ou, ainda, de uma ideia de globalização. Assim, instauram-se espaços de poder protegidos por regimes próprios e novas fronteiras no interior de um país (Sassen, 2016).

Nessa esteira, mesmo limitados pelos aspectos nacionais, pelas leis que visam possibilidades de organização social, as pessoas que migram buscam um lugar para viver, por motivos diversos, permeados pelas dimensões econômica, afetiva, ou mesmo, de realização pessoal. Os refugiados, para além disso, buscam um lugar para sobreviver, uma vez que saem de seus locais de origem obrigados por situações de caos e conflito extremos. A experiência do deslocamento forçado, apesar de traumática, também é permeada pela potencialidade na manutenção de laços afetivos e de comunicação com o passado, com o lugar deixado para trás, o que estimula o uso de recursos digitais para essa finalidade, na lembrança de que “a interculturalidade hoje se produz mais por meio de comunicações midiáticas que por movimentos migratórios” (García Canclini, 2003, p. 73).

---

<sup>4</sup> O detalhamento encontra-se em reportagem: Quando caiu o muro de Berlin havia mais de 16 a separar fronteiras no mundo, agora há 65. Disponível em: <https://www.publico.pt/2015/08/30/mundo/noticia/em-todo-o-mundo-ha-65-muros-construidos-ou-em-construcao-1706358> Acesso em: 23 jan. 2019.

Na medida em que o mercado financeiro especulativo tem influência nos vieses dados pela cobertura midiática, quando Sodré argumenta que “(...) capitalismo financeiro e comunicação constituem hoje, no mundo globalizado, um par indissolúvel” (2014, p.55), as apropriações realizadas acerca dos casos de refúgio desviam-se de um tratamento que permita entender a complexidade da situação a partir de outras perspectivas, ao invés de procurar responder apenas ao número de trânsitos e à questão econômica. No entanto, a tendência que prevalece é a de repetição da lógica produtiva que remete à construção das notícias a partir do que emitem as agências internacionais e os órgãos competentes, com o silêncio de outros personagens, principalmente, as pessoas envolvidas na condição de refúgio.

Na descrição exploratória, procura-se estabelecer como critério a observação inferencial de material disponível na internet durante o ano de 2019. A Amazônia costuma ser notícia internacionalmente, porém, para essa abordagem, procura-se orientar essa mirada em sites noticiosos na língua portuguesa e que tem sede física em cidades na própria região. A imprensa tradicional/institucionalizada existe, porém os investimentos em reportagem no contexto amazônico são escassos. Trata-se de uma vasta região historicamente desconhecida ao restante do país, esquecida, explorada e onde o processo colonizador reitera (PINTO, 2020).

## INCURSÃO METÓDICA.

Na busca por material informativo acerca do tema, recorre-se a espaços na internet a partir do uso das palavras Amazônia + Refugiados, quando também se dá preferência à língua portuguesa, a fim de encontrar narrativas do contexto amazônico desde o Brasil. A partir dessa busca, encontram-se sites que fazem referência à Amazônia e permitem um mapeamento preliminar de práticas midiáticas onde a abordagem da questão de refúgio emerge. Assim, uma vez identificados, apresentam-se abordagens do tema, momento em que importa tecer considerações.

A primeira delas intitula-se **“Criado GT para discutir estratégias de saúde aos imigrantes Warao, em Belém – Portal Amazônia”**. A matéria aborda a iniciativa do poder público e da Unicef para a promoção de saúde, educação e assistência social para a etnia Warao, procedente da Venezuela. A fonte que aparece na notícia advém da secretaria de educação de Belém (PA) e de representante da Unicef, ou seja, fonte oficial.

Figura 1



Foto:Catarina Barbosa/Amazônia Real

A fotografia exposta retrata as pessoas abrigadas debaixo de uma árvore, de costas e afastadas da câmera. Essa opção remete às experiências advindas de trabalhos anteriores, que encontram na ação jornalística acerca do fenômeno das migrações, a ênfase na necessidade de controle e diferenciação “nós X eles” (Cogo, Barth & Martines, 2016). Esse modo de informar também está associado a um discurso baseado na criminalidade, desemprego e violência associado às migrações (Cogo, 2006, p. 145). Ainda, no tratamento específico do refúgio, a imprensa brasileira costuma tratar do assunto com indiferença, abordando o refugiado de forma estereotipada ou ameaçadora (Cardoso, 2013). Nas fotografias a seguir essas tendências continuam evidentes.

Figura 2



Foto:Divulgação/Prefeitura de Belém

A fotografia que retratam as figuras 2 e 3 são de mulheres, provavelmente uma mãe com crianças. Ambas estão dispostas de forma a mostrar o caráter de marginalização, estão retratadas de costas. Dessa maneira, evita-se a humanização, pois não há rosto, não há olhos e bocas e, portanto, também não há o discurso que permita conexão com o público leitor.

Figura 3



Marcelo Camargo/Agência Brasil

Outro material informativo que prioriza o mesmo tipo de abordagem é **“Roraima: Cruz Vermelha amplia postos de atendimento a migrantes – Amazônia.org”**. Trata-se de uma matéria produzida pela Agência Brasil, vinculada à Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e disponibilizada no site com a citação de fonte e edição, ou seja, não é conteúdo próprio do site (o que também distancia a questão). O conteúdo aborda o trabalho da Cruz Vermelha como agente ativo na questão, sem dar voz aos sujeitos envolvidos. As fontes ouvidas partem da própria assessoria de comunicação da instituição e de um de seus representantes. Outra característica que também se resalta no texto é o fato de este dirigir-se a um possível refugiado, que integraria, portanto, seu público leitor:

(...) a população assistida pode restabelecer e manter o contato entre familiares gratuitamente, por meio de ligações telefônicas, acesso à internet, recarga de telefones celulares e solicitações de busca. O serviço está disponível em Boa Vista, de segunda a sexta, das 9h às 17h, e em Pacaraima, de domingo a segunda, das 9h às 17h.

Essa passagem reitera o distanciamento entre a produção do material e os sujeitos envolvidos. Curiosamente, nessa perspectiva, evita-se o uso da língua

nativa, optando-se pela escrita em língua portuguesa. O público refugiado, em contato recente no Brasil, provavelmente enfrentaria dificuldade para compreender a informação ofertada.

Para além dessas práticas, todavia, emerge a potencialidade de iniciativas de jornalismo cidadão (Espiritusanto & Rodríguez, 2011), em particular no contexto amazônico, que possibilitam outras formas de abordagem jornalística daquele (s) em condição de refúgio. Essa dinâmica permite iniciativas de prática jornalística a partir de um olhar/abordagem cidadã acerca do que se vislumbra em termos de mídia independente a partir da última década. O intento é a procura por construções de narrativas que partam do contexto amazônico, ou seja, a partir de pessoas que vivam/conheçam sua realidade. Ao concentrar a abordagem metódica nesses locais, encontra-se material que permite tecer considerações acerca de práticas midiáticas e o seu papel na integração e construção de memórias de refugiados no contexto amazônico.

Uma primeira ilustração disso está na matéria **“Uma tarde junto aos venezuelanos no viaduto da rodoviária de Manaus – Amazônia Real”** ao procurar identificar e dar voz aos sujeitos envolvidos. Há a busca pela humanização dos refugiados, tratando-os como sujeitos, seja a partir de suas falas nas entrevistas concedidas, seja no material fotográfico, quando sua situação está disposta de frente e seus rostos estão expostos em situações de seu cotidiano. A figura a seguir está entre esses registros disponíveis:

Figura 4



Ana Cuparis (sentada) com o marido e amigos venezuelanos embaixo do viaduto (Foto: Alberto César Araújo/Amazônia Real)

De forma semelhante, na matéria intitulada “**Venezuelanos relatam o drama de chegar pela trincheira ao lado brasileiro da fronteira – Amazônia Real**”, as pessoas em processo de saída de seu país para o Brasil estão como fontes, concedem entrevistas, contam suas histórias que agregam ao conjunto informacional representado pelo texto. O mesmo ocorre com o material fotojornalístico:

Figura 5



Protesto de venezuelanos na fronteira com Pacaraima, em Roraima (Foto: Vanessa Vieira/Correio do Lavrado/Amazônia Real)

A prática do jornalismo cidadão encontra-se na relação dinâmica entre sociedade e mídia. Ao acionar o pensamento de Rheingold, isso fica explícito uma vez que “(...) los ciudadanos no solo están cambiando el periodismo. El periodismo define y redefine lo que significa ser un ciudadano” (2011, p. VII). Ao ater-se à imagem, inclusive, as palavras são de protesto.

O retrato de uma família cujos rostos não estão ocultos figura como contraponto às abordagens que criminalizam e tratam com indiferença à questão migratória. As pessoas retratadas a seguir, nesse sentido, são sujeitos de sua própria história, onde se apresenta a potencialidade de comunicação com o público leitor:

Figura 6



Fugindo do conflito: família de Iris Romero em Pacaraima  
(Foto: Vanessa Vieira/Correio do Lavrado/Amazônia Real)

Importa ater-se, ainda, à matéria **“Refugiados venezuelanos recolhem uma tonelada de lixo de rio na Amazônia - Revista Amazônia”**. Essa, situa-se como abordagem de efeito positivo ao associar a imagem do grupo de refugiados à ação cidadã, desviando-se do *status quo* que promove o seu contrário. No texto, há entrevista com uma pessoa em situação de refúgio, há a procura de dar voz e figurar no texto assim como a fonte oficial, representante da ONU.

Por fim, esse passeio inferencial pelo material disponível a partir das plataformas de informação acerca da Amazônia, aponta para uma prática que privilegia a abordagem tradicional acerca do movimento humano, que tende a associações negativas e que distanciam, ao mesmo tempo em que se insinua uma abordagem que potencializa a cidadania e o protagonismo de pessoas em situação de refúgio, de forma a humanizar relações. Ao mirar a ideia central em torno do conceito psicofísico, as perspectivas cidadãs de abordagem midiática potencializam a integração e acolhimento uma vez que o espaço psicofísico une “(...) o mental e o cultural, o social e o histórico” (Russi & Dutra, 2014, p. 5). Eis então a realidade a ser considerada na emergência das experiências de refúgio e a dinâmica de integração e acolhimento onde a instância midiática tem papel fundamental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Tendo em vista os delineamentos reflexivos abordados, importa ressaltar a potencialidade da prática de jornalismo cidadão na região, em específico na questão das migrações e, especialmente, a partir dos lugares de fala dos refugiados. Essa potencialidade emerge desde espaços onde práticas midiáticas tais como observadas, inferencialmente, esboçam atenção ao tema.

Configuram-se, todavia, desafios a percorrer nessa questão. Basicamente, pessoas em situação de refúgio, ao participar do conteúdo informativo, a partir das práticas midiáticas, podem construir um processo colaborativo de verdadeira realização jornalística em prol da busca pela verdade na narração dos fatos. Isso gera oportunidades para a prática do jornalismo cidadão em conjunto com jornalistas que devem apurar e checar as informações ou pistas que recebem nas redações. Assim como, também, permitem humanizar a questão, quando a população local e seus representantes públicos beneficiam-se ao perceberem a complexidade da questão que, de fato, está além de questões apenas políticas e econômicas. Ao perceberem que se tratam de pessoas, o material informativo ajuda a humanizar as relações na integração de refugiados. De toda sorte, a prática do jornalismo local já identificado a partir de textos e fotografias que ilustram o protagonismo dos migrantes, despontam como potenciais formadoras de memórias sobre uma migração forçada, a partir da prática de um entendimento jornalístico voltado para a cidadania.

## REFERÊNCIAS.

Anderson, B. (1989). Nação e consciência nacional. Trad.: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática.

Barth, D. (2019). Compreender metodologia desde textos científicos na comunicação. 1ª ed. Curitiba: Appris.

Cardoso, A. Z. (2016). Jornalismo para paz ou para guerra: O refugiado na cobertura jornalística brasileira. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/105023>. Acesso em: 26 out. 2018

Cogo, D. (2006). *Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas*. Rio de Janeiro/Brasília: E-Papers/CSEM.

Cogo, D.; Barth, D. L.; Martines L. R. (2016). Comunicação e diáspora haitiana no Brasil: consumo e usos de mídias em redes migratórias transnacionais. In: Almeida, C. D.; Rhoden, V.; Grijo, W. P. (Orgs.) Comunicação, Sociedade e Cenários Emergentes. Jundiaí (SP): Paco Editorial.

Cortina, A. (2005). Cidadão do mundo: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.

Criado GT para discutir estratégias de saúde aos imigrantes Warao, em Belém. Portal Amazônia. 5 jun. 2019. Disponível em: <http://portalamazonia.com/noticias/criado-gt-para-discutir-estrategias-de-saude-aos-imigrantes-warao-em-belem>

Espiritusanto, O.; Rodríguez, P. G. (2011). Periodismo ciudadano Evolución positiva de la comunicación. Fundación Telefonica: Madrid. [E-book] ISBN: 978-84-08-10416-2

Garcia Canclini, N. (2003). A globalização imaginada. Trad.: Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2018) Agenda 2030. ODS – Metas Nacionais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Brasília: Ipea. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180801\\_ods\\_metas\\_nac\\_dos\\_obj\\_de\\_desenv\\_susten\\_propos\\_de\\_adequa.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180801_ods_metas_nac_dos_obj_de_desenv_susten_propos_de_adequa.pdf) Acesso em: 25 set. 2019.

Pinto, L. F. Não há futuro para a Amazônia, diz Lúcio Flávio Pinto. Entrevista concedida a Instituto Humanitas Unisinos/Adital, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/592894-nao-ha-futuro-para-a-amazonia-diz-lucio-flavio-pinto>

Refugiados venezuelanos recolhem uma tonelada de lixo de rio na Amazônia. Revista Amazônia. 7 out. 2019. Disponível em: <https://revistaamazonia.com.br/refugiados-venezuelanos-recolhem-uma-tonelada-de-lixo-de-rio-na-amazonia/>

Rheingold, H. Periodismo ciudadano: ¿Por qué las democracias deberían depender de él?, y ¿por qué el periodismo digital no es suficiente? Espiritusanto, O.; Rodríguez, P. G. (2011). Periodismo ciudadano Evolución

positiva de la comunicación. Fundación Telefonica: Madrid. [E-book] ISBN: 978-84-08-10416-2

Roraima: Cruz Vermelha amplia postos de atendimento a migrantes. Amazônia. 18 dez. 2019. Disponível em: <https://amazonia.org.br/2019/12/roraima-cruz-vermelha-amplia-postos-de-atendimento-a-migrantes/>

Russi, P.; Dutra, D. (2014) A dimensão comunicacional como recorte metodológico para o estudo das migrações. Chasqui, N° 124. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/37/96> Acesso em: 07 set. 2019.

Sassen, S. ¿Quién tiene el poder de crear fronteras? Entrevista concedida El País, 2016. Disponível em: [http://cultura.elpais.com/cultura/2016/05/05/babelia/1462465935\\_795759.html](http://cultura.elpais.com/cultura/2016/05/05/babelia/1462465935_795759.html) Acesso em: 30 abr. 2016

Sodré, M. (2014) A ciência do comum: notas para o método comunicacional. Petrópolis (RJ): Vozes.

Touraine, A. (1999). Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes. Trad. Jaime A. Clasen e Epharaim F. Alves. Petrópolis-RJ: Vozes.

Wladimila, N. Venezuelanos relatam o drama de chegar pela trincheira ao lado brasileiro da fronteira. Amazônia Real. 25 fev. 2019. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/venezuelanos-relatam-o-drama-de-chegar-pela-trincheira-ao-lado-brasileiro-da-fronteira/>

Zuker, F. Uma tarde junto aos venezuelanos no viaduto da rodoviária de Manaus. Amazônia Real. 21 mar. 2019. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/uma-tarde-junto-aos-venezuelanos-no-viaduto-da-rodoviaria-de-manaus/>

Sites consultados:

Amazônia. Disponível em: <https://amazonia.org.br/>

Amazônia Press. Disponível em: <https://amazoniapress.com.br/>

Amazônia Real. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/>

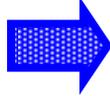
Amazônia21. Disponível em: <https://amazonia21.com/>

Ecoamazonia. Disponível em: <https://www.ecoamazonia.org.br/>

Portal Amazônia. Disponível em: <http://portalamazonia.com/noticias/>

Revista Amazônia. Disponível em:  
<https://revistaamazonia.com.br/refugiados-venezuelanos-recolhem-uma-tonelada-de-lixo-de-rio-na-amazonia/>

(Ir al inicio del Capítulo)



(Ir al Índice)

